

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
VIAGENS PELA NOITE – O MUNDO DE ANATOLE LITVAK
17 e 22 de Janeiro de 2025

THE NIGHT OF THE GENERALS / 1967
(A Noite dos Generais)

Um filme de Anatole Litvak

Realização: Anatole Litvak / Argumento: Joseph Kessel e Paul Dehn, baseado num romance de Hans Hellmut Kirst / Direcção de Fotografia: Henri Decae / Direcção Artística: Alexandre Trauner / Guarda-Roupa: Rosine Delamare e Jean-Claude Philippe / Música: Maurice Jarre / Som: Jacques Carrère e William Robert Sivel / Montagem: Alan Osbiston / Interpretação: Omar Sharif (Major Grau), Peter O'Toole (Major Tanz), Tom Courtenay (Cabo Hartmann), Donald Pleasence (General Kahlenberge), Joanna Pettet (Ulrike), Philippe Noiret (Inspector Morand), Charles Gray (General Von Seidlitz-Gabler), Coral Browne (Eleanore Von Seidlitz-Gabler), John Gregson (Coronel Sandauer), Nigel Stock (Otto), Christopher Plummer (Rommel), Juliette Gréco (Juliette), Sacha Pitoeff (médico), etc.

Produção: Horizon – Filmsonor, para a Columbia / Produtores: Anatole Litvak e Sam Spiegel / Cópia digital, colorida, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 148 minutos / Estreia em Portugal: Monumental, a 28 de Novembro de 1974.

O penúltimo filme de Anatole Litvak foi um regresso aos temas históricos, que não abordava (pelo menos directamente) desde **The Journey**, no final da década anterior. Adaptado de um romance de Hans Hellmut Kirst, produzido na Europa em parceria com o famigerado Sam Spiegel (à época um dos mais proeminentes produtores “independentes”, por esta altura ainda a contar os oscars ganhos com **Lawrence of Arabia**), com um elenco constituído por uma série de nomes de uma nova vaga de actores europeus (sobretudo ingleses: Peter O'Toole, Tom Courtenay, Donald Pleasence, a que se juntam o egípcio Omar Sharif e o francês Philippe Noiret), **The Night of the Generals** era um mergulho, não isento de algumas peculiaridades, na psicologia nazi, ou dos nazis. É entre eles, essencialmente entre eles, que tudo se passa, num percurso que começa na Varsóvia ocupada de 1942, continua na Paris nas vésperas da Libertação de 1944, e se conclui com um epílogo praticamente “contemporâneo”, na Hamburgo da “nova Alemanha” do pós-guerra, quando já todas as personagens estão remetidas a uma vida civil mais ou menos envergonhada do seu passado.

O filme foi um “flop”, muito aquém das expectativas dos produtores, sobretudo das expectativas de Spiegel, habituado a transformar tudo em ouro, e parece que num prenúncio disso a rodagem não correu nada bem, com desentendimentos constantes entre Spiegel e Litvak – menciona-se mesmo que Spiegel tinha a tendência para humilhar Litvak em frente de toda a gente no “plateau”, trata-lo como um simples empregado, e que isso teria até mobilizado o instinto de auto-sabotagem dos actores, como Peter O'Toole. Diz-se que foi para chatear Spiegel que transformou a sua

personagem num esgar ambulante, sem nenhum grande investimento para além do desenho superficial de uma silhueta malévola; mas a verdade é que O’Toole estava chateado com outra coisa, ele e Omar Sharif, o facto de estarem contractualmente comprometidos com o projecto desde antes de **Lawrence of Arabia**, e portanto receberem salários de nível “pré-consagração”, bem abaixo do que entretanto tinham passado a cobrar pelo seu trabalho. Pormenores mais ou menos anedóticos, bem sabemos, mas que dão uma medida de como o “plateau” de **The Night of the Generals** não terá sido um sítio especialmente alegre.

É menos anedótico notar que o filme, muito provavelmente, se ressentisse disso. Mesmo que tenha saído furado em termos de bilheteira, parece nitidamente um “filme de produtor”, com enfoque nos valores de produção e numa aura de “prestígio”, que sufocam quaisquer veleidades de “mise en scène”, remetida a um academismo pesadote e ilustrativo, e se revelam ainda na submissão excessiva a um argumento muito pouco económico, que arrasta a história tanto quanto pode, multiplica as cenas e os diálogos indiferentes, tem sérios problemas de ritmo que Litvak, como realizador e co-produtor, não quis, ou não conseguiu, limar. Como um anacronismo – de certa forma, é um filme anacrónico – também é isso que torna curiosa a presença do elenco, uma série de jovens actores (faltou mencionar até agora aquele que talvez seja a presença mais densa, mais gritantemente à procura de “outro filme”: Tom Courtenay) encafuados numa estrutura envelhecida, num cinema que estava a milhas do que em 1967, e mesmo em termos de “indústria”, mesmo em termos de um cinema de grande circulação popular, representava a energia da modernidade. Apesar do genérico inicial promissor (uma invenção visual construída com um mínimo de elementos significantes, muito na linha dos genéricos da série dos 007, por exemplo), nada há, nas duas horas e meia subsequentes, que esteja realmente à altura da relativa pujança dessa introdução.

Peneirando muito, com um sentido mais eléctrico da montagem, talvez as melhores cenas sobressaíssem mais, ficassem menos perdidas e ameaçadas de “neutralização” (o fecho, com a semi-elipse do destino do General Tanz de O’Toole, em plena reunião de saudosistas nazis, não é completamente mal conseguido), e **Night of the Generals** assumisse uma dimensão “pulp”, desprovida de pompa e trejeitos de “produção de prestígio” – afinal, trata-se basicamente de uma intriga policial, inteiramente jogada entre as mais altas patentes militares do exército do III Reich. Ao mesmo tempo, precisava de uma perspectiva mais coesa, até do ponto de vista de uma moral histórica que parece mais involuntariamente perversa do que pretendia ser (os nazis “bons” e “honrados”, que se distinguem dos que não são “bons” nem “honrados”) – mas talvez isto em 1967 não fosse ainda um cliché. Mas, como alguém observou, falta um lembrete (e não é uma questão de retórica), o lembrete de que é um pouco ridículo um grupo de oficiais nazis medirem os coeficientes de “honra” a propósito de dois-assassinatos-dois quando estavam sentados em cima da mancha indelével e esmagadora de milhões e milhões de mortos gerados pelas suas acções.

Luís Miguel Oliveira